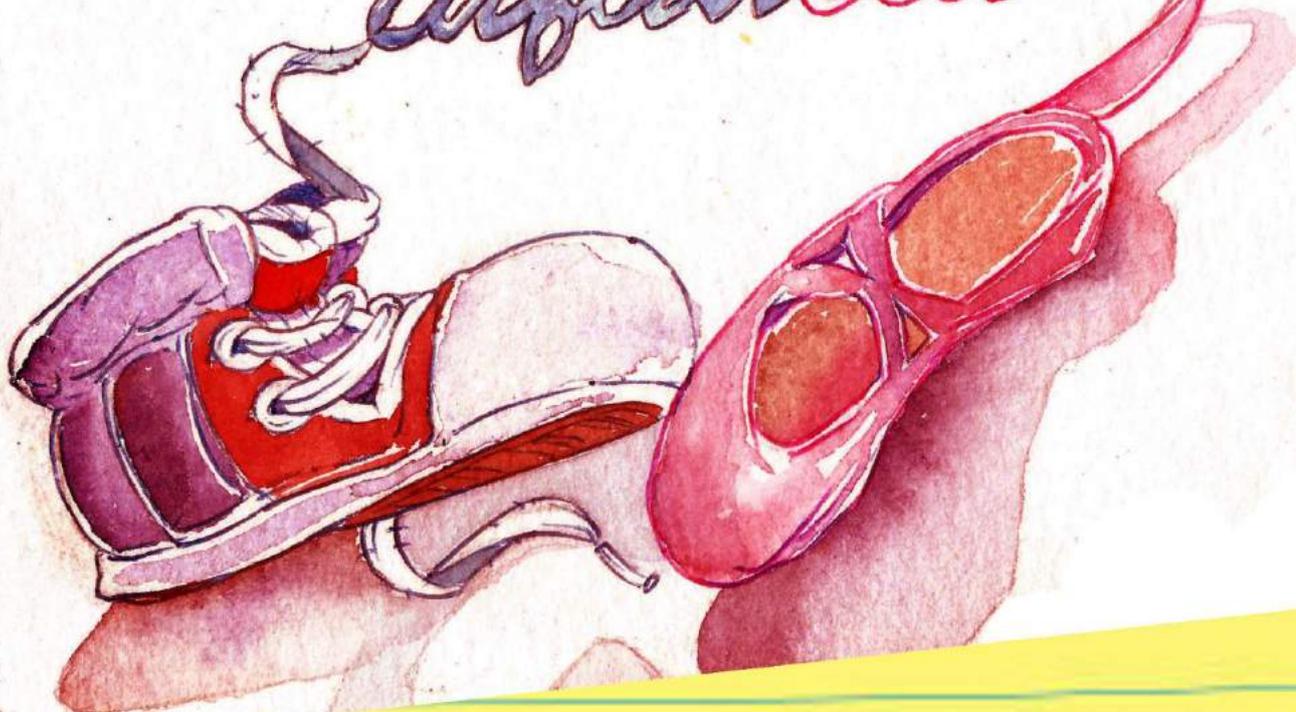


Paula Regina Costa Ribeiro
Cristina Monteggia Varela
(Organizadoras)

Histórias de Maria

infâncias



Rio Grande



Editora da FURG

2018

**Paula Regina Costa Ribeiro
Cristina Monteggia Varela
(Organizadoras)**

Histórias de Maria: infâncias



Rio Grande



Editora da furg

2018



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE - FURG

Reitora
CLEUZA MARIA SOBRAL DIAS
Vice-Reitor
DANILO GIROLDO
Chefe de Gabinete
DENISE MARIA VARELLA MARTINEZ
Pró-Reitor de Extensão e Cultura
DANIEL PORCIÚNCULA PRADO
Pró-Reitor de Planejamento e Administração
MOZART TAVARES MARTINS FILHO
Pró-Reitor de Infraestrutura
MARCOS ANTONIO SATTE DE AMARANTE
Pró-Reitor de Graduação
RENATO DURO DIAS
Pró-Reitora de Assuntos Estudantis
DAIANE TEIXEIRA GAUTÉRIO
Pró-Reitora de Gestão e Desenvolvimento de Pessoas
LÚCIA DE FÁTIMA SOCOOWSKI DE ANELLO
Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação
EDUARDO RESENDE SECCHI

H629 Histórias de Maria : infâncias / Paula Regina Costa Ribeiro,
Cristina Monteggia Varela (organizadoras). – Rio Grande:
Ed. da FURG, 2018.
44 p.: il.

ISBN 978-85-7566-523-7

1. Educação Sexual 2. Infância 3. Espaços Sociais 4.
Sexualidade 5. Corpo 6. Gênero I. Ribeiro, Paula Regina
Costa, org. II. Varela, Cristina Monteggia, org.

CDD 306.7

Dados de catalogação na publicação
Simone Godinho Maisonave - CRB 10/1733

Qualquer parte desta publicação pode ser reproduzida, desde que citada a fonte.

Ilustrações: Alisson Affonso
Diagramação: Maria Teresa Orlandin Nunes
Revisão linguística: Vanessa Pereira Abreu

APRESENTAÇÃO

O Grupo de Pesquisa Sexualidade e Escola (GESE) da Universidade Federal do Rio Grande (FURG) apresenta o livro "Histórias de Maria: infâncias". Ao longo da sua atuação, o GESE tem produzido vários materiais didático-pedagógicos e esta é mais uma produção que tem como objetivo suscitar a discussão das temáticas de corpos, gêneros e sexualidades nas escolas, contribuindo assim para a promoção de uma educação para a sexualidade em diferentes espaços sociais – escola, universidade, família, mídia – bem como o combate ao sexismo, racismo, misoginia, homo, trans e lesbofobia, entre outras manifestações de preconceito e discriminação.

As histórias de Maria são contadas em uma série de três livros. O primeiro, Histórias de Maria: escola, tem como foco apresentar o cotidiano escolar de Maria e sua turma a partir do desenvolvimento do Projeto de Educação para Sexualidade promovido em sua escola. O segundo livro, Histórias de Maria: famílias, aborda as diferentes configurações familiares que estão presentes na contemporaneidade. E este é o terceiro livro da série, Histórias de Maria: infâncias. As histórias aqui narradas por Maria se passam em sua escola, em sua família e na escola de balé onde Maria e Carlos, seu irmão, fazem aulas. São histórias que narram como as questões de gênero vêm produzindo as infâncias e estabelecendo, desde muito cedo, o que é considerado feminino e masculino, seja na família, na escola, na mídia ou em outros espaços sociais.

Essas e outras histórias presentes no livro são narradas por Maria e destinam-se a crianças que estão cursando os Anos Iniciais do Ensino Fundamental, de modo a possibilitar a discussão de temas como: brincadeiras, brinquedos, roupas, danças, profissões, esportes... Neste sentido, acreditamos que promover, desde a infância, espaços de debate sobre as temáticas presentes neste livro possibilitam a emergência de outras formas de pensar e agir na sociedade contemporânea.

Desejamos a todos e todas uma ótima leitura e que através das histórias de Maria sejam escritas e contadas outras histórias que possam contribuir para a promoção de uma sociedade mais igualitária.

Prof^ª. Dr^ª. Paula Regina Costa Ribeiro
Prof^ª. Drn. Cristina Monteggia Varela

MARIA E O IRMÃO CARLOS

Tocou o sinal, estava tão concentrada fazendo os exercícios de matemática que nem percebi que já era a hora da saída. A profe Fafá estava no portão da escola e meu pai já me esperava do lado de fora.

Saí com muita vontade de almoçar, mas ainda tinha que passar com meu pai na escola em que meu irmão Carlos estuda. No caminho contei para meu pai sobre os conteúdos e projetos que estamos tendo no 5º ano.



Ao chegar à escola para pegar o Carlos, percebi que ele estava triste na fila e que alguns colegas da turma estavam rindo muito. Quando meu irmão nos enxergou, saiu correndo para abraçar meu pai.

- O que houve, Carlos? Perguntou meu pai.

- Meus amigos estão rindo de mim.

Perguntei para o meu irmão porque eles estavam rindo, mas meu pai pegou Carlos no colo e achou melhor irmos para casa.

Acho que o que aconteceu foi sério. Carlos não falou nada o caminho inteiro.



Chegamos em casa e minha mãe logo perguntou:

- Oi, como foi na escola hoje?

Não consegui nem responder e o Carlos começou a chorar.

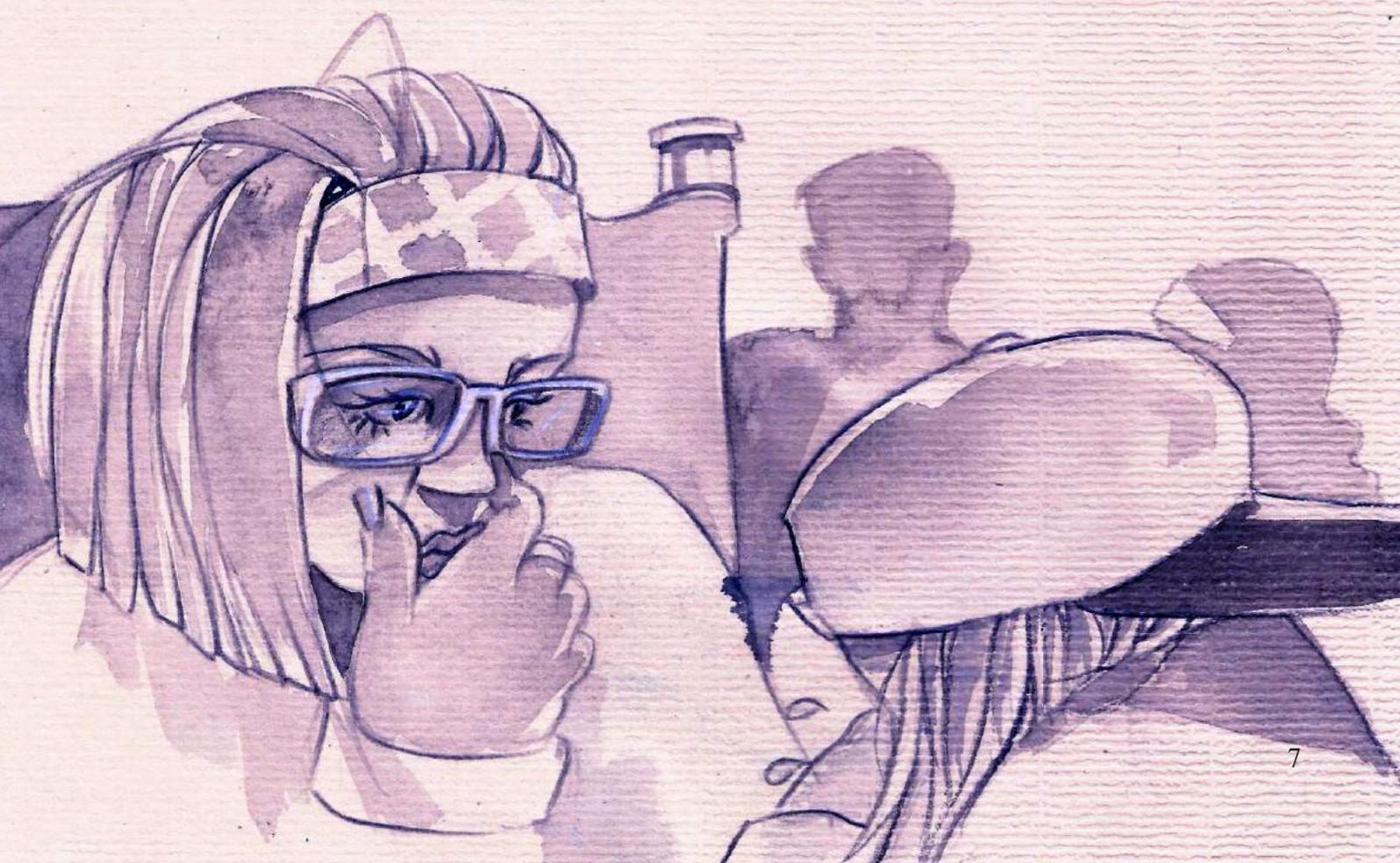
Minha mãe sem entender perguntou para o meu pai o que tinha acontecido.

- Ainda não sei! Ele saiu triste da escola e não falou nada.

- Mãe, eu também perguntei, porque vi alguns coleguinhas do Carlos rindo muito, apontando para ele e fazendo uns passos de balé. Achei que era brincadeira.

De repente, o Carlos gritou bem alto:

- Eu não vou mais fazer balé! Por que eles estão rindo de mim? Eu só queria brincar de ser professor de balé.



Minha mãe começou a conversar com Carlos para acalmá-lo. Eu ainda não entendi para que tanta confusão só porque o meu irmão dança balé.

- Carlos, fica calmo, por que os teus colegas estavam rindo? Perguntou minha mãe.

- Eles estavam rindo porque convidei a turma para brincar de balé. Eu era o professor da Sofia, da Laura, da Débora e da Bia. Mas aí, o Vinícius, o Mateus, o Felipe e o Daniel começaram a rir dizendo que balé é coisa de menina. Não entendo porque eles acham que é coisa só de menina. Na minha escola de balé tem o Igor que também dança.



- Carlos, qualquer pessoa pode dançar balé. Seu pai dançava quando era criança. Disse a minha mãe e então eu falei, admirada:

- Não acredito, mãe! É verdade? Meu pai dançava balé?

- Sim, Maria. Balé é um tipo de dança que meninos e meninas podem fazer.

Meu pai que escutava a conversa abriu o armário da sala e tirou um álbum com fotos de quando era criança.

- Vou mostrar para vocês fotos de uma das minhas apresentações. Eu adorava dançar.



Nós nos divertimos muito vendo as fotos. Eu nem sabia que meu pai gostava tanto de balé. O Carlos ficou muito contente, decidiu continuar nas aulas de balé e perguntou para meus pais:

- Quando será minha apresentação?

- Acho que será no final deste ano. Respondeu a minha mãe.

- Vendo as fotos me deu vontade de voltar a dançar balé. Amanhã irei levá-los para escola de dança e vou me matricular em uma turma. Comentou meu pai.

Isso deixou o Carlos ainda mais feliz e eu já fiquei com muita vontade de contar na minha escola que meu pai dança balé. Achei muito legal.



MARIA, CARLOS E A ESCOLA DE BALÉ

No dia seguinte, Carlos, meu pai e eu, fomos para a escola de balé. Nós tínhamos aula e meu pai foi fazer sua matrícula.

Corri na frente e fui perguntar a minha profe se tinha turma de balé para homens adultos, pois eu só sabia das turmas de crianças.

- Bom dia, Maria! Que correria é essa?
- Profe, meu pai fazia balé e quer voltar a fazer!!!
- Nossa, Maria, que ótimo!
- Tem turma de balé para homens?
- Maria, aqui na escola não temos turmas separadas de meninos e de meninas, todos e todas fazem aulas juntos.
- Olha, pai!!! Tem vaga para ti também!
- Olá, Débora! Que bom saber que posso voltar a dançar. Faz muitos anos que parei, foi quando entrei na universidade e não tive mais tempo.



Meu pai e eu ficamos conversando com a profe Débora enquanto o Carlos foi para a aula.

- Débora, posso falar em particular contigo?
Disse meu pai.

- Sim, Fernando, podemos passar na secretaria.

Na secretaria meu pai perguntou para a profe Débora como estava a participação do Carlos nas aulas e ela disse que ele estava muito bem, é um excelente aluno e adora dançar.

- Sabe, profe, estão acontecendo algumas situações na escola em que o Carlos estuda, pois ele falou que não queria mais fazer balé.



- Nossa, ele nunca comentou nada. Maria, tu sabes que o Igor, teu colega no balé, também passou por algumas situações de preconceito. Ele era chamado de mulherzinha, bichinha e gayzinho na escola. A mãe dele nos contou que alguns colegas implicavam com ele, pois o Igor gosta de brincar com as meninas e fazer artesanato  para as bonecas.

- Isso também está acontecendo com o Carlos, por isso resolvi voltar a dançar balé e mostrar que tanto homens quanto mulheres podem dançar. Vou já fazer minha matrícula, falou meu pai.

Depois dessa conversa, fui para minha aula de balé, que já tinha até começado, mas não conseguia esquecer o que está acontecendo com meu irmão.

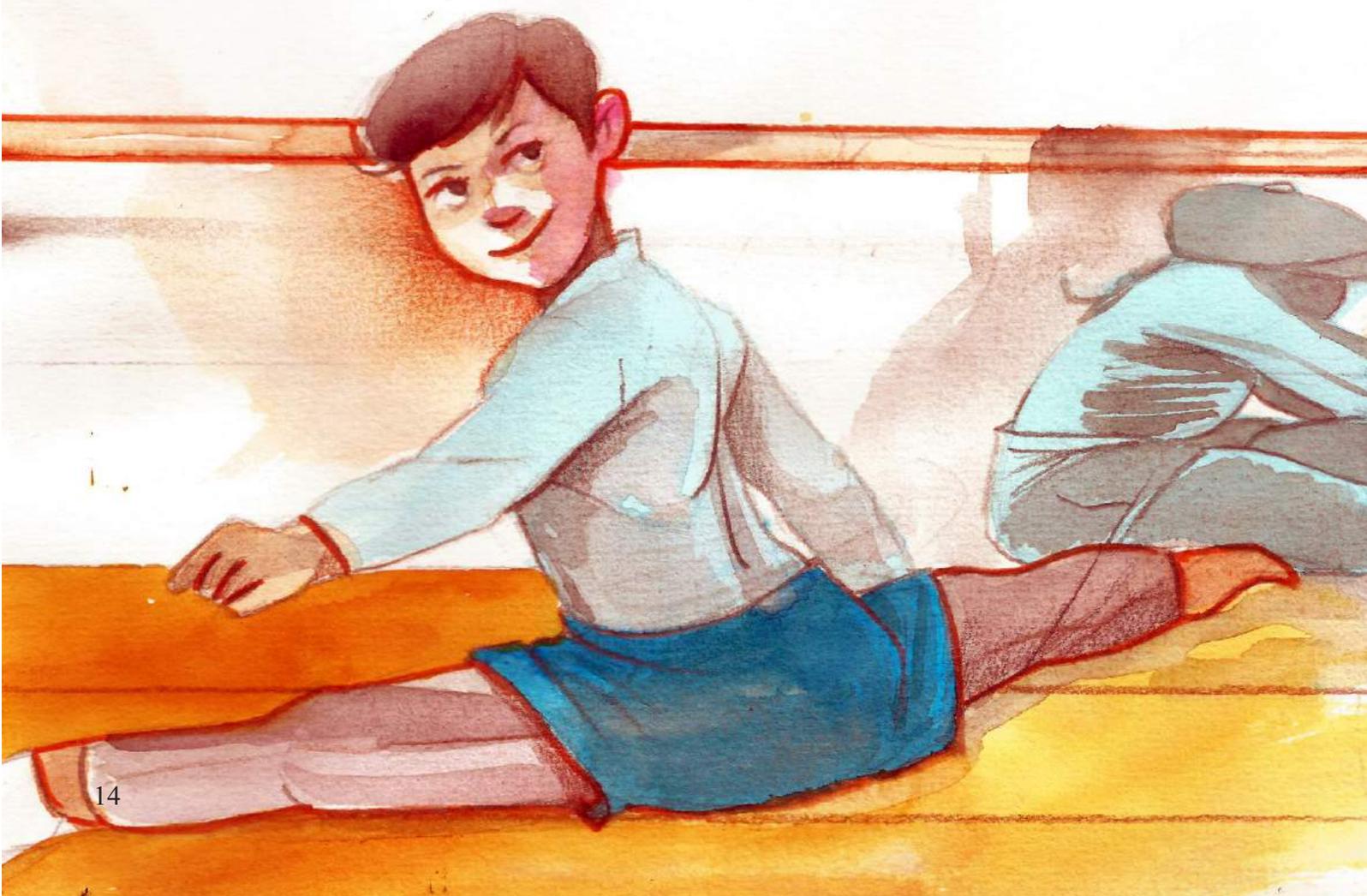


Ontem, meu pai e a minha mãe ficaram muito tristes com o que Carlos está vivendo na escola, não foi a primeira vez.

Lembro quando Carlos quis brincar de boneca na escola e suas colegas não deixaram dizendo que é brincadeira de menina, mas lá em casa Carlos e eu brincamos com todos os brinquedos juntos.

Fiquei pensando na minha amiga Manu que adora jogar futebol, mas muitas vezes os meninos não a deixavam jogar. Depois do Projeto de Educação para a Sexualidade da minha escola, começamos a jogar futebol todos e todas juntos. Muita coisa mudou, os banheiros não são mais separados entre meninos e meninas, também aprendemos que existem muitos tipos de família, que as cores não têm gênero e muito menos os brinquedos.

Pena que na escola do Carlos não tenha esse projeto!



MARIA E CARLOS NA PRAÇA

Carlos e eu combinamos com nossos amigos e amigas de fazer uma competição de patinete na praça. Estávamos ansiosos e a minha mãe estava falando ao Skype  com a tia Isabel, quando eu interrompi:

- Mãe, vamos! A turma já deve estar na praça nos esperando!

- Carlos, já estás pronto? Minha mãe perguntou.

- Sim, só falta pegar meu patinete.



Chegamos na praça e a turma já estava reunida. O Carlos foi logo perguntando:

- Pessoal, como vamos organizar a pista de corrida?

- Eu já sei! Primeiro os meninos que são mais rápidos e depois as meninas que tem medo de se machucar, disse o Gustavo.

- Que absurdo! Falou Anita. Só faltava essa! Por que separado? Eu sou muito mais rápida e forte que o Carlos.

Para acabar com a confusão sugeri que toda a turma patinasse junto.

- Eu concordo com a Maria, disse Igor, pois essa mania de brincar separado é nada a ver.

- Não vai dar certo, falou Clara indignada, os meninos vão nos atropelar.

- Clara, quem foi que disse que menino é mais rápido que menina? Retrucou Anita. E eu comentei:

- Concordo, Anita, se o profe Rogério estivesse aqui ele falaria que as pessoas inventaram essas separações e que mesmo diferentes meninos e meninas podem fazer as mesmas coisas. Então, vamos brincar?

- Isso mesmo, Maria, já estou cansado dessa mania de dividir tudo, lá na minha escola não me deixam brincar com as meninas, disse meu irmão.

- Carlos, que bobagem isso, disse Luanna. Fala para a tua profe conversar com o profe Rogério, ele vai mostrar algumas coisas que temos estudado, que existem mulheres cientistas, homens que bordam e fazem tricô, mulheres que dirigem ônibus e sabem muito de motor.

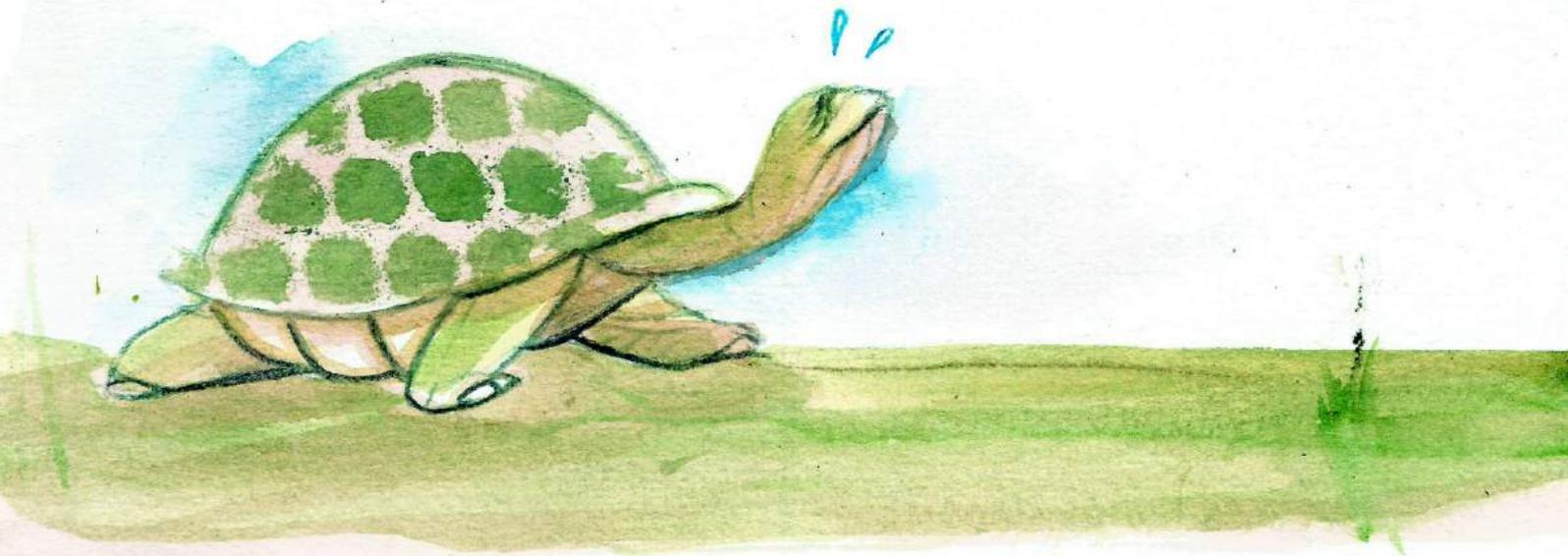
- Já está decidido: meninos e meninas juntos. Vamos lá! Falou Bernardo.

- Mãe, tu dá a largada? Perguntou Carlos.

- Preparar, um, dois e já.



Foi aquela correria, todo mundo querendo ganhar a corrida. A Anita saiu em disparada, foi uma loucura, passou na frente da turma e chegou em primeiro lugar. O Gustavo que achou que as meninas eram lentas, igual tartaruga, acabou a corrida chorando em último lugar. Conversamos com ele que tudo bem perder e ficar triste, o que não é legal era ele ficar chorando por ter perdido para uma menina.



Nossa tarde na praça foi muito legal. Depois da corrida brincamos de futebol, pega-pega e subimos em árvores. Também brincamos de super-heróis, cada um de nós inventou um personagem e um superpoder. Eu fui a Super Formiga e meu superpoder era carregar todo mundo nas costas, o Igor que gosta muito das bonecas monstro era um monstro do espaço que soltava brilho pelas mãos e congelava as pessoas. Já o Carlos quis ser o Ventania, um super-herói que assoprava e fazia as pessoas voarem longe. Anita era a Super Chiclete que grudava tudo... Era um super-herói mais engraçado que o outro.



Cheguei em casa muito cansada e ainda tinha o tema de História para fazer, mas nossas brincadeiras na praça tinham tudo a ver com a minha tarefa. Carlos chegou no meu quarto e perguntou:

- Maria, porque não pode ser sempre assim, todo mundo brincando junto?

- Carlos, acho que as pessoas estão aprendendo que não podemos separar tudo em coisas de menino e menina, mas vai demorar um pouco, pois aprendi na escola que assim como estamos sendo ensinados a brincar juntos, nossos bisavós, avós e pais aprenderam que as cores, as brincadeiras, as roupas, as profissões, as habilidades, até mesmo os banheiros na escola deveriam ser separados dependendo se é menino, menina, homem, mulher.

- Quer dizer que vai demorar para meus amigos e amigas brincarem comigo de aula de balé?

- Não sei, Carlos, só sei que é importante que as pessoas se respeitem, é o que tenho estudado na minha escola. Falando em estudar, deixa eu fazer a tarefa.

MARIA E SUA ESCOLA

As histórias do Carlos na escola, no balé e as nossas brincadeiras na praça me fizeram pensar no que estou estudando com o profe Rogério no Projeto de Educação para a Sexualidade.

Estamos agora fazendo um trabalho de História e Geografia para pensarmos como ao longo dos anos meninos e meninas vêm sendo educados. O profe Rogério mandou de tarefa para casa uma entrevista que devemos fazer com nossa família, perguntando se quando eles eram crianças existiam diferenças entre meninos e meninas nas roupas, nas brincadeiras e na escola.

Quando terminei de fazer as entrevistas com meu pai, minha mãe e minha avó, o Carlos perguntou porque ele ainda não tinha sido entrevistado.

- Carlos, esse é um trabalho de História, para saber dos adultos como era ser criança no passado.

Carlos me olha, parece que ainda não entendeu.

- Maria, eu sou criança então eu posso responder.

Minha família e eu rimos muito da resposta do Carlos e minha mãe disse para fazer a entrevista com ele.

- Está bem, Carlos, vou fazer três perguntas e tu vais responder uma de cada vez. Entendeste?

- Entendi, já estou pronto.

- Vamos começar. Tu achas que existem roupas de meninos e de meninas?

- Sim! Menino usa roupas de super-heróis. Também usa calça, camiseta, cueca e meia azul. As meninas usam vestido de princesa, camiseta com brilho, saia, calcinha e meia rosa.

- Mas, Carlos, todos os meninos e meninas usam só essas roupas?

- Não, eu tenho camiseta rosa. Meu tênis tem brilho e luzinha. Tem uns meninos da minha turma que riem de mim quando estou de camiseta rosa. Mas a minha amiga Anita acha bobagem.

Entrevista:

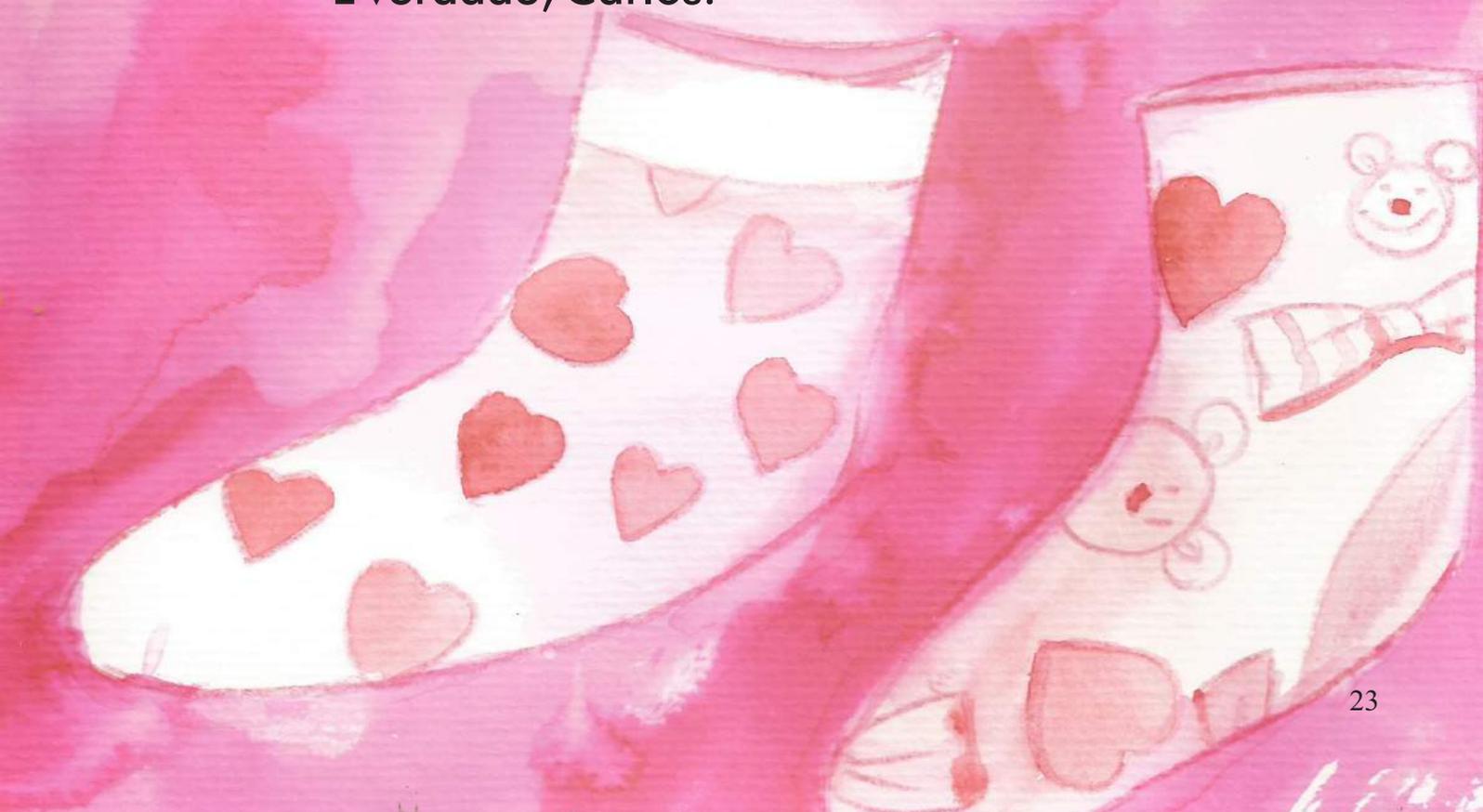
Quando você era criança:

- Existiam roupas de meninos e meninas?

- Os brinquedos e brincadeiras eram separados por gênero?

- Na escola meninos e meninas eram tratados de diferentes formas?

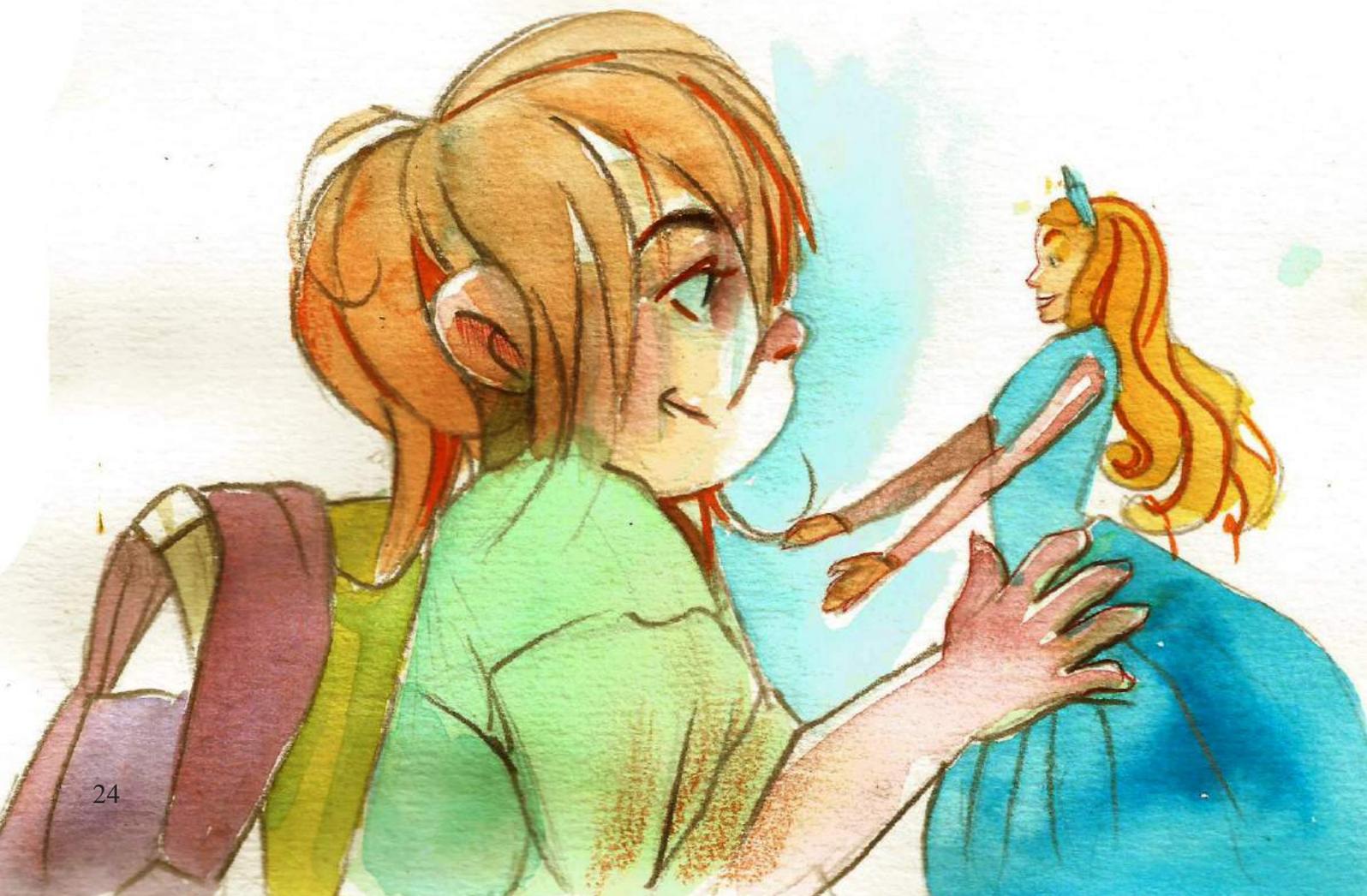
- Por que, Carlos? O que a Anita te contou?
- Ela foi com o pai dela comprar meias em uma loja. Aí só tinha de princesas, gatinhas e de bonecas. Ela não gostou de nenhuma, porque todas eram só rosa. Ela queria meias de várias cores, ela não gosta de rosa.
- E o que aconteceu?
- Ela contou na escola que não comprou nada e que falou para a moça da loja que meninos e meninas podem gostar de qualquer cor. Mas a Bia não concordou com a Anita, ela disse que rosa é de menina.
- E tu, Carlos, também disseste na entrevista que meninos usam azul e meninas usam rosa.
- É porque eu lembrei da loja de roupa, tem uma parte de menino, com muita roupa azul e uma parte de menina, cheia de coisas rosas.
- É verdade, Carlos.



Fiquei pensando na resposta do Carlos, mas fui para a segunda pergunta, tinha que acabar minha tarefa.

- Carlos, existem brinquedos e brincadeiras de meninos e de meninas?

- Aqui em casa não, mas na escola existe sim. No dia do brinquedo, a Laura levou uma boneca. Eu gosto muito dessa boneca e pedi para trocar o meu quebra-cabeça por ela. A Laura gostou da minha ideia e trocamos os brinquedos.



Quando a profe viu, foi uma confusão.

- Qual foi a confusão, a Laura queria a boneca de volta e vocês brigaram?
- Não! Ela adora brincar de quebra-cabeça. Quem não gostou foi a profe, ela disse que boneca é coisa de menina e que os meninos brincam de bonecos super-heróis. Toda turma ficou olhando e alguns estavam rindo de mim.
- Puxa, Carlos, que triste.
- O Felipe me chamou de menininha, porque gosto de boneca e danço balé. A Laura pegou a boneca e sentou com as outras meninas. A Anita viu que fiquei triste, sentou do meu lado e disse que vai me dar a boneca dela, que ela gosta mesmo é dos super-heróis. Ela é muito minha amiga.

Percebi que minha mãe estava atenta ao que Carlos contava e se aproximou para conversar.



- Carlos, olha que legal. Têm meninas que gostam de super-heróis, como a Anita e meninos que gostam de balé, como o Igor, tu e o papai. Cada pessoa pode gostar de roupas, cores e brinquedos diferentes. O que os teus colegas fizeram não é legal, chamamos de preconceito. Acho que tua escola precisa falar mais sobre isso. Mas já está tarde, é hora de colocar o pijama e escovar os dentes para dormir. Falou minha mãe.

- Mãe, ainda falta uma pergunta.

- Maria, já está tarde.

Carlos saiu da sala com meu pai, enquanto eu guardava o material da escola e a tarefa para levar amanhã. Minha mãe continuou conversando comigo.

- Fiquei preocupada com as respostas do Carlos. Amanhã na saída da escola vou falar com a Fafá e perguntar o que posso fazer.

Fui dormir pensando em tudo o que o Carlos contou e o quanto os projetos de minha escola são importantes.



MARIA E O PROJETO DE EDUCAÇÃO PARA A SEXUALIDADE

No dia seguinte, na escola...

- Turma! Vocês fizeram o dever de casa? Falou o profe Rogério.

Toda a turma estava animada para contar o que havia descoberto com suas famílias sobre roupas, brinquedos e brincadeiras e sobre a escola de outros tempos.

- Profe Rogério, o meu irmão também quis responder às perguntas, posso depois contar o que ele me falou? E o profe Rogério respondeu:

- Maria, o objetivo era pesquisar sobre outros tempos, quantos anos ele tem?

- Ele tem cinco anos, respondi. O profe Rogério fez uma cara de dúvida, mas falou:

- Bom, quem sabe o que o teu irmão te disse nos ajude a comparar as infâncias de anos atrás com as de hoje. Vamos lá, quem gostaria de começar?

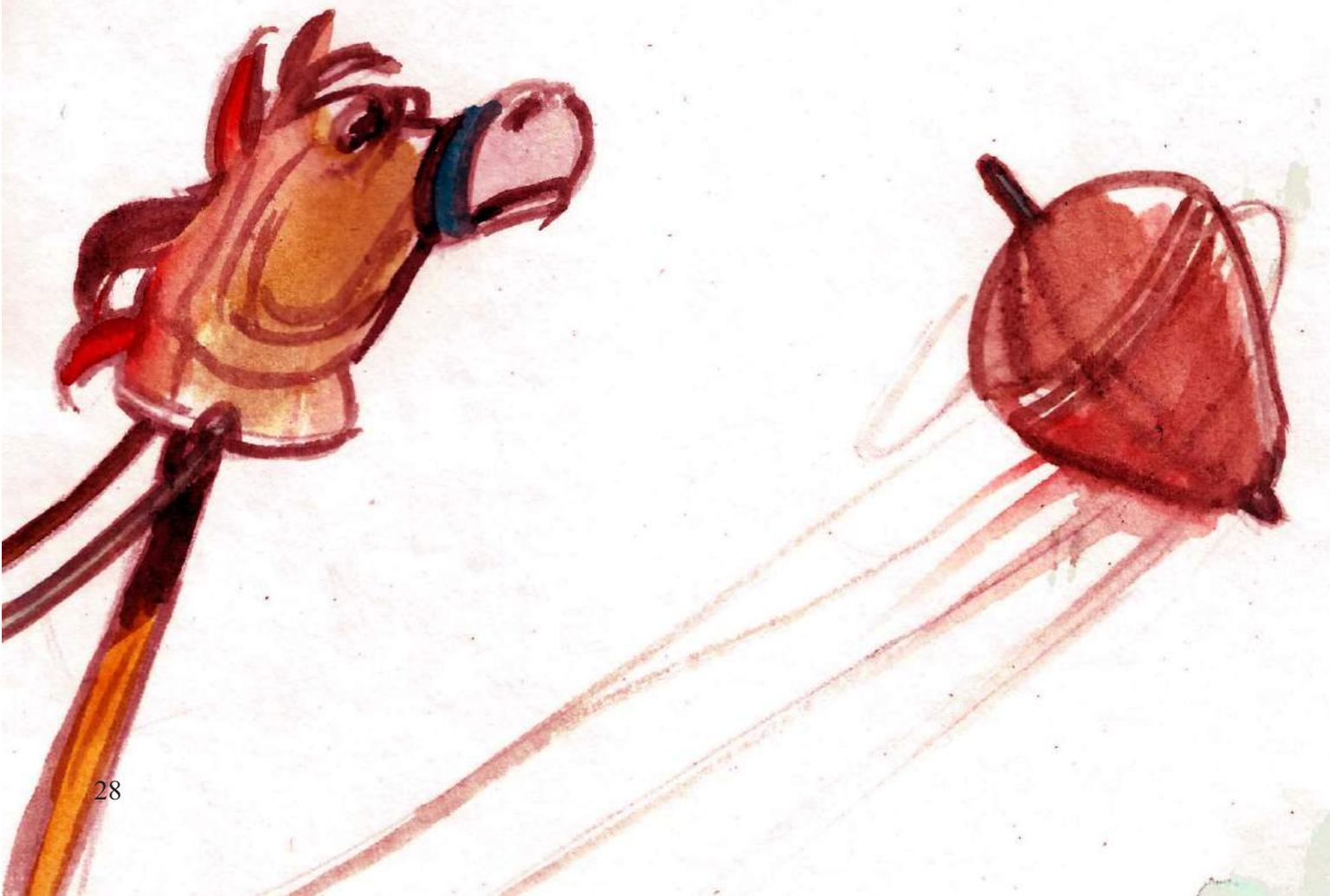


- Posso começar, profe, posso? O Gustavo levantou a mão muito rápido.

- Muito bem, Gustavo, vai lá!

- Eu entrevistei a minha avó, ela contou que quando era criança só podia brincar dentro de casa, mas brincava pouco porque tinha que ajudar a minha bisavó a lavar a louça, arrumar a casa e cuidar dos irmãos menores. Não tinha muito brinquedo naquela época e a primeira boneca que ela ganhou foi costurada pela minha bisavó e preenchida com palha de milho. Ah, e meninas usavam saia ou vestido e meninos bermuda ou calça. Calça, a vovó só pode usar depois de adulta.

Fiquei pensando nessa história da avó do Gustavo e como ela era parecida com o que a minha avó havia me contado. O Eduardo também trouxe histórias dos avós e queria falar.



- Eduardo, tens histórias semelhantes dos teus avós? Disse o professor Rogério.

- Sim, profe. Eu entrevistei minha avó e meu avô. Ela também disse que ajudava muito a minha bisavó em casa e que a escola em que ela estudou era só de meninas. O meu avô também estudou em escola só de meninos. Ele contou que tinha uma professora que batia com a régua na mão dos alunos e que o brinquedo que ele tinha era um cavalinho feito com cabo de vassoura. Naquele tempo ele tinha que ajudar na lavoura, pois os meus bisavós eram agricultores e não tinha tempo para brincar.

- Puxa, uma vida sem brincar! Que triste! Disse a Luanna.

- Pois é, Luanna, hoje nós entendemos que brincar é muito legal, não é? Mas a infância dos avós de vocês era diferente. Era muito comum as meninas ficarem ajudando em casa e os meninos ajudarem na lavoura ou no comércio desde pequenos. Mas, a cada geração várias coisas mudam. Por isso, queria ouvir também quem entrevistou o pai ou a mãe, falou o profe.

- Eu, profe, entrevistei o meu pai – disse a Gabriela.

- Ele disse que brincava muito de bolinha de gude, pião e taco. Juntava a gurizada toda a tarde na rua para brincar.

- Profe! – chamou a Clara, que também queria contar da sua mãe. – A minha mãe disse que ela brincava de carrinho com os guris. Os brinquedos que ela tinha em casa eram panelinhas, ferro de passar, vassoura... Ah, e muitas bonecas, por isso ela falou que adorava brincar com os meninos na rua. Já o meu pai contou que na escola meninos só brincavam com os meninos, aquele que brincasse com as meninas era chamado de mulherzinha. Os guris jogavam futebol e as gurias vôlei.



Toda a turma queria falar ao mesmo tempo sobre a entrevista que haviam feito com suas famílias. Conhecer essas histórias de como meninas e meninos são educados ao longo dos anos foi muito legal.

O Pedro contou que o pai dele sempre queria brincar de boneca, mas não podia. Aí brincava escondido quando ia na casa da prima. A Alice falou que a mãe tinha que ter o caderno caprichado, porque se tivesse orelha  era caderno de guri. A Manu também lembrou que a mãe dela quando era criança tinha que usar rosa para saber que era menina e o pai tinha que usar azul. Jamais um guri usava rosa.

O profe Rogério, neste momento, interrompeu e nos perguntou:

- Turma, o que vocês acham sobre o que suas famílias contaram? Meninas e meninos devem ter brinquedos e brincadeiras separados por gênero? Meninos só podem usar azul e meninas rosa?

Minha turma ecoou um enorme NÃÃÃÃÃO... e o profe continuou:

- Ao longo dos anos, meninos e meninas, homens e mulheres vêm sendo educados e educadas muitas vezes de maneiras distintas. Mas hoje muitas pessoas pensam diferente, que meninos podem usar rosa e meninas azul, que brinquedos e brincadeiras são feitos para brincar, independente do gênero, ou seja, de ser menino ou menina.

Então, eu lembrei do meu irmão Carlos.

- Profe, o meu irmão dança balé e gosta de boneca, aí os coleguinhas da escola dele ficam rindo e chamando ele de menininha. Na entrevista, ele disse que na escola a professora não deixa ele brincar de boneca. Acho que não mudou muita coisa desde o tempo de nossas famílias.

- Maria, têm pessoas que ainda acreditam que homens devem ser de um jeito e mulheres de outro. Que meninos devem ser criados para serem fortes e meninas para serem delicadas e frágeis. Chamamos isso de machismo 🇧🇷 e ele faz com que as pessoas tenham preconceito 🇧🇷 como o que aconteceu com o teu irmão.



Machismo!!!

MARIA E O CONVITE

Quando saí da sala, já vi que a minha mãe estava na entrada da escola chamando a diretora Fafá. Fui correndo ao encontro delas, pois sabia que o assunto seria sobre meu irmão e estava preocupada com ele.

Minha mãe estava contando que o Carlos está sofrendo preconceito em sua escola porque faz aulas de balé e gosta de brincar de boneca. Então, eu aproveitei e perguntei para a profe Fafá o que poderíamos fazer para ajudar meu irmão. Neste momento chegou o profe Rogério para participar de nossa conversa.

- Rogério, que bom que chegaste. A Cláudia e a Maria estão me contando sobre algumas situações em que o irmão dela, o Carlos, vem passando na escola.

- Oi, Rogério! Não sei se tu sabes o que está acontecendo... Disse minha mãe.

- Sim, Cláudia! A Maria me contou um pouco sobre o que está acontecendo.

- Vim falar com vocês sobre como posso conversar na escola do Carlos para que pensem e revejam como estão sendo tratadas essas situações de preconceito.

- Cláudia, quem sabe inicias esse diálogo a partir da professora do Carlos.

- Tu podes falar que estás preocupada com o Carlos e que gostarias de saber como ela está conversando sobre essas situações com as crianças. Até podes comentar com ela sobre o Projeto de Educação para a Sexualidade que desenvolvemos aqui. Disse Fafá.

- Outra ideia seria convidarmos a professora e a turma do Carlos para assistir nosso Show de Talentos  Sugeriu o profe Rogério.

- Ótima ideia, Rogério. Cláudia, neste ano, na festa da família, teremos um Show de Talentos em que todas as crianças e suas famílias poderão se apresentar juntos mostrando suas habilidades. Falou Fafá.

Nesta hora me intrometi na conversa e falei que minha turma poderia confeccionar o convite e o profe Rogério aprovou a ideia.

No dia seguinte caprichamos muito na produção do convite, minha mãe e eu ficamos responsáveis por entregá-lo para a professora do Carlos e para os seus colegas. Estou muito ansiosa pelo dia do nosso Show de Talentos.



MARIA, CARLOS E O SHOW DE TALENTOS

Até que enfim chegou o dia do Show de Talentos. Carlos, meu pai e eu ensaiamos muito a coreografia para a nossa apresentação de balé. A profe Débora nos ajudou com os passos. Ficou maravilhoso!

- Mãe, pai, Carlos, vamos logo!!! A festa já vai começar!!!

A escola estava lotada, era gente para todo o lado. Ao entrarmos no ginásio, quase não havia mais lugar para sentar.

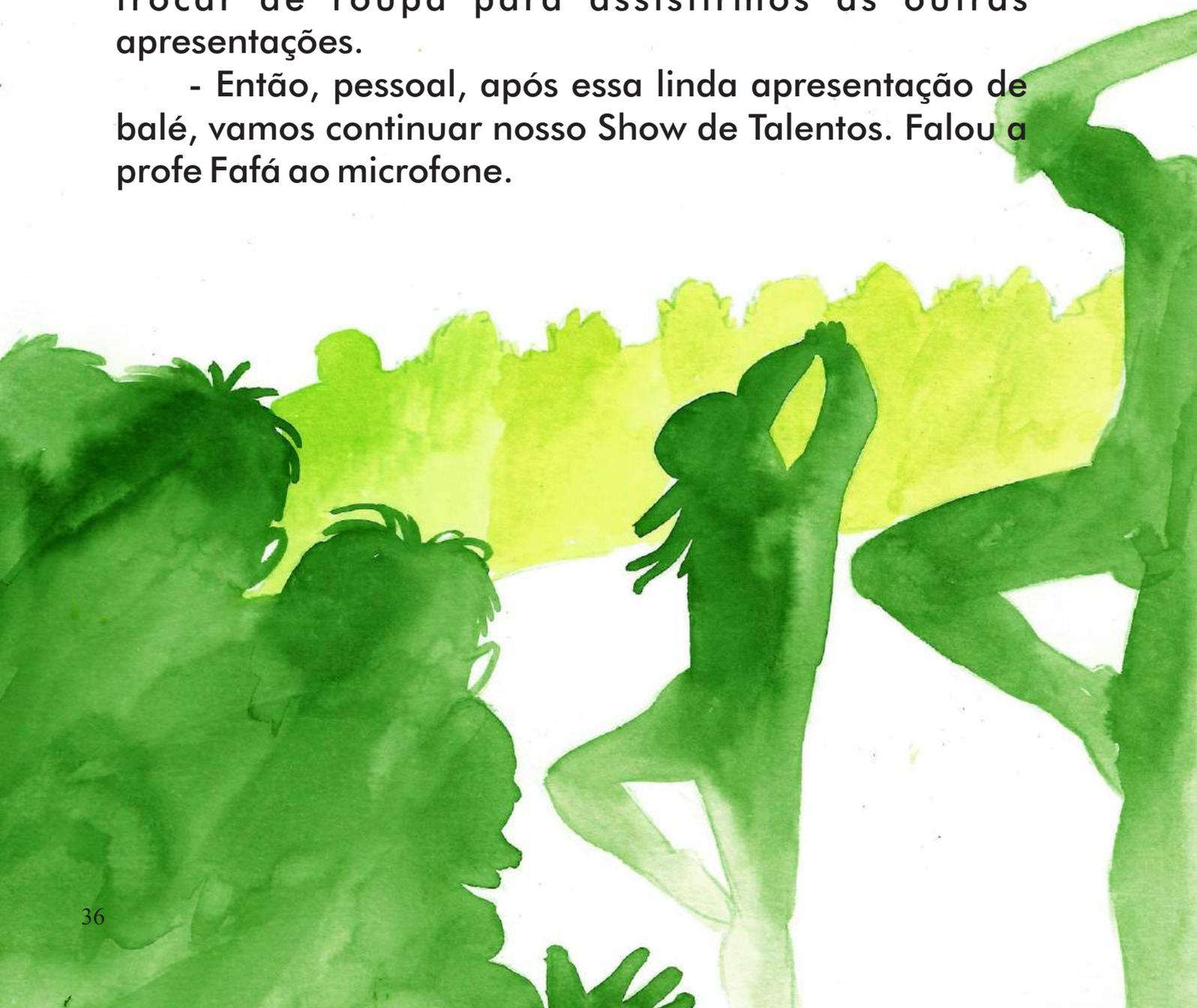
Logo encontramos a turma do Carlos, a profe Débora da escola de balé e o Igor que veio junto com ela. Todo mundo aguardava ansioso o início do show.

Foi quando de repente tudo ficou escuro, uma luz no palco se acendeu e a profe Fafá começou a falar:

- Boa tarde, pessoal! Sejam todos e todas bem-vindos e bem-vindas a nossa escola. É um prazer imenso receber vocês aqui hoje para o Show de Talentos. Nesta tarde, teremos muitas apresentações, nossos alunos e alunas, juntamente com suas famílias, irão mostrar seus diferentes talentos nesse grande show. Bem, sei que vocês estão cheios de expectativas para ver todas essas apresentações, então, que comece o show!!!

O Show de Talentos começou com a minha apresentação, junto com meu pai e o Carlos. Quando subimos no palco foi um silêncio total na plateia, mas ouvi também algumas risadas, afinal todo mundo queria ver meu pai e meu irmão dançando balé. Nós ensaiamos muito para que tudo desse certo. Quando a música começou a tocar e nós três a dançar, foi um momento inesquecível. A turma do Carlos ficou prestando a atenção e no final da apresentação foram muitos aplausos. Saímos do palco felizes e fomos logo trocar de roupa para assistirmos as outras apresentações.

- Então, pessoal, após essa linda apresentação de balé, vamos continuar nosso Show de Talentos. Falou a profe Fafá ao microfone.



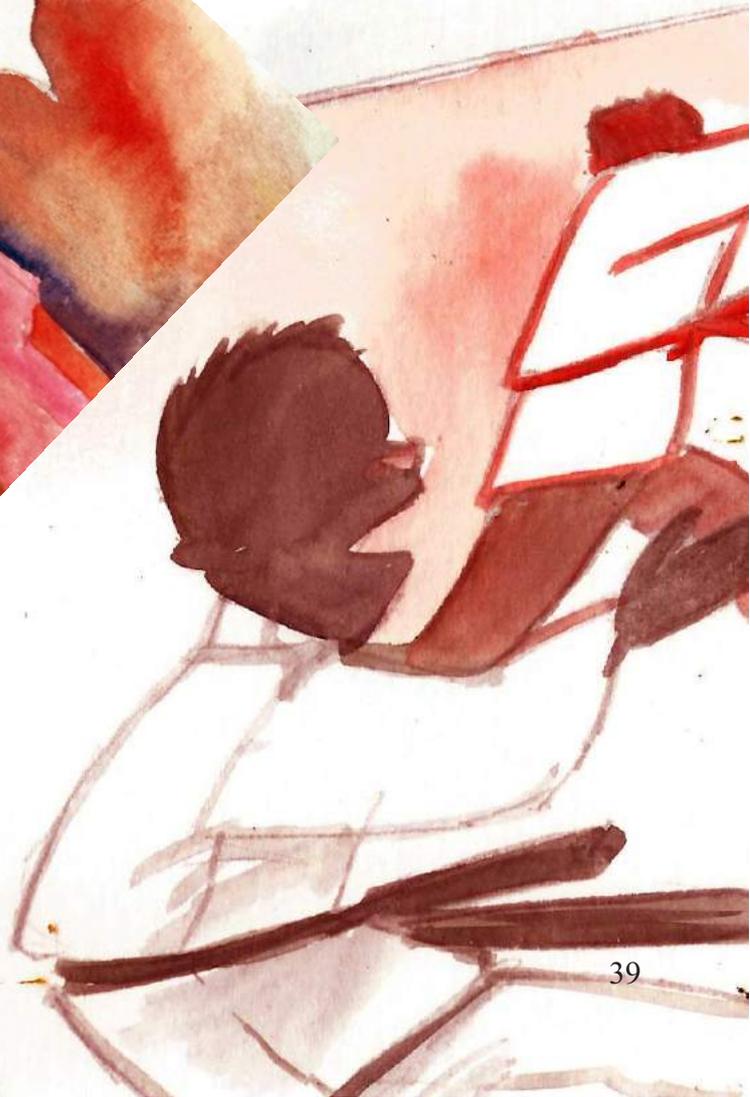
O Show de Talentos continuou e era uma apresentação mais legal que a outra. Sentei do lado da minha mãe para assistir e escutei o Igor conversando com a profe Débora:

- Como eu também queria ter estado lá no palco com o Carlos e a família dele dançando balé. Eu sabia tudo direitinho, o Carlos me ensinou.

- Igor, esse Show de Talentos é uma atividade da escola da Maria, mas vamos ter a nossa apresentação da escola de balé e lá tu vais poder dançar, e ainda, junto com o Carlos.

Mesmo com a explicação da profe Débora, que era um show apenas para os alunos e alunas da escola de Maria, o Igor ficou triste, porque queria muito dançar, mas o Show de Talentos estava tão legal, que ele logo se esqueceu. Tinha cada apresentação, uma diferente da outra, era uma diversidade de talentos. O Mateus lutou Karatê com o pai. O Pedro, nosso colega da escola que é cego, tocou violão e cantou junto com a sua mãe. A Luanna chegou arrasando com um vestido de prenda azul maravilhoso, ela dançou "Pezinho", um tipo de dança gauchesca com o seu primo. A Lívia declamou uma poesia sobre ser criança junto a sua avó e a Manu veio para o Show de Talentos apresentando uma coisa que ela adora, suas habilidades com a bola de futebol. Junto com o pai e seus irmãos, fizeram muitas embaixadinhas no palco.





Durante as outras apresentações o Carlos sentou junto com a sua turma. Como eu estava perto consegui ouvir algumas coisas que conversavam.

- Carlos, eu não sabia que teu pai dançava balé. Sempre achei que balé era coisa de menina, disse Felipe.

- Eu também, concordou Beatriz. Sabe que tenho uma prima que dança balé, mas homem dançando, e ainda gente grande, eu nunca tinha visto.

- Sim, porque homem não dança balé, porque balé, sapateado e tal é coisa de menina. Menino luta Karatê, faz Capoeira e joga futebol, falou Laura.

- Ah, mas na ginástica olímpica têm meninos e meninas que dançam, fazem saltos bem altos e seguram-se em argolas. Então, será que não têm algumas coisas que meninos e meninas podem fazer juntos? Perguntou Bia.

- Poxa, gente, eu já disse pra vocês que meninos e meninas podem fazer o que quiserem. O Carlos e o pai dele dançam balé, a Manu joga futebol, igual a Marta jogadora do Brasil, explicou Anita. Foram as pessoas que inventaram essas separações.

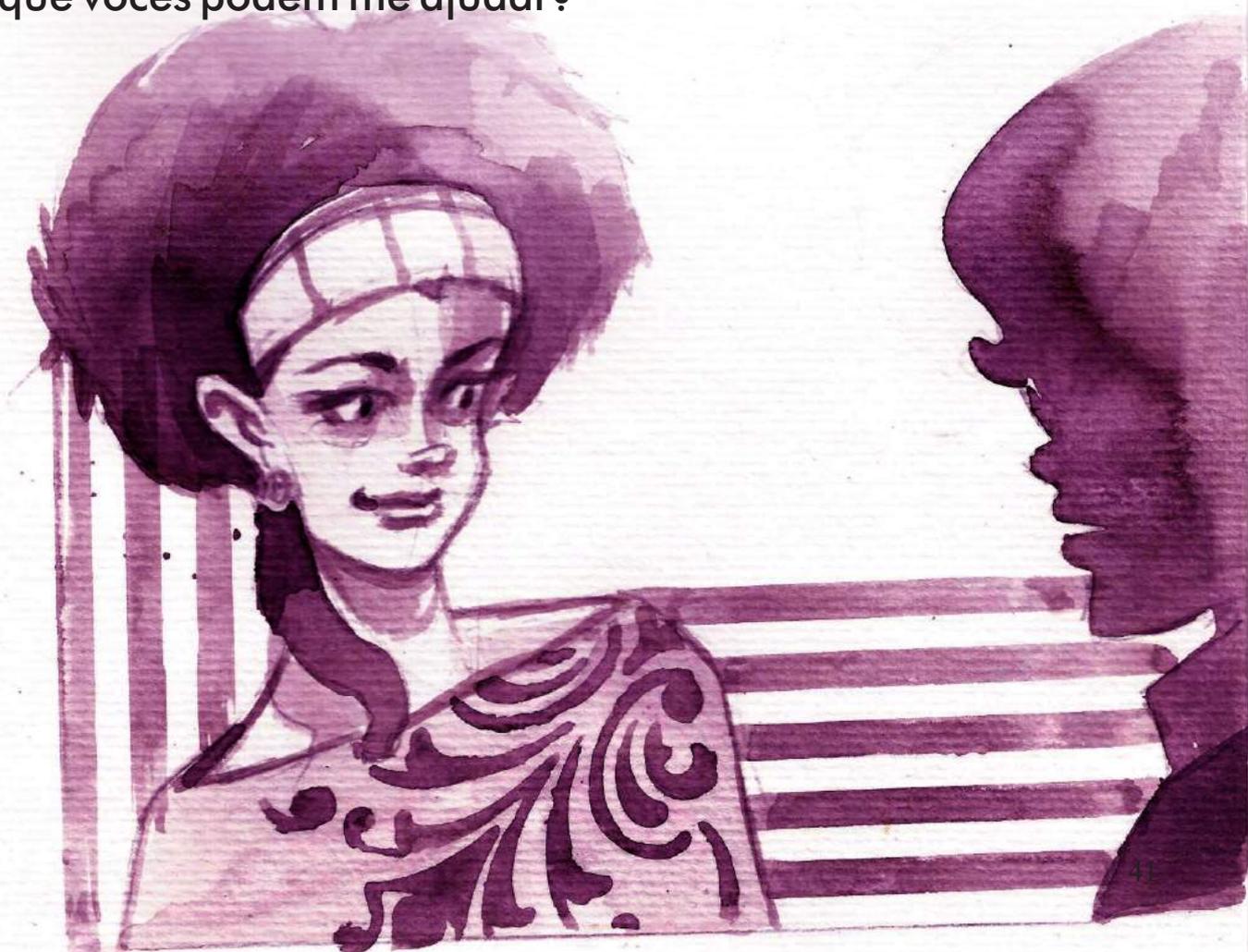
- Eu achei a apresentação bem legal, Carlos, vocês dançaram iguaizinhos, eu só tinha visto na televisão essas danças, falou Vinícius.

- Profe, a gente podia fazer um Show de Talentos assim lá na escola, cada criança podia fazer uma coisa diferente, igual aqui na escola da irmã do Carlos. Nossa, seria muito legal!! Podemos, profe? Perguntou Anita.

Percebi que a profe do Carlos ficou pensando na ideia da Anita. E como a turma dele continuava a falar sobre nossa apresentação de balé ela pediu que fizessem silêncio, pois o show não havia acabado.

Que tarde maravilhosa, o Show de Talentos foi um sucesso. A profe Fafá, o profe Rogério e muita gente veio nos dar parabéns pela apresentação de balé. Meu pai e minha mãe ficaram conversando com eles quando a profe do Carlos se aproximou e foi logo dizendo:

- Parabéns pelo Show de Talentos!!! Fafá e Rogério, aprendi algumas coisas hoje. As apresentações do Carlos e da Manu junto com suas famílias me fizeram pensar que meninos e meninas podem fazer várias coisas, ou melhor, que podem fazer o que quiserem e que somos nós adultos que vamos separando as brincadeiras, as cores, os brinquedos em coisas de meninos e meninas, como bem disse a minha aluna Anita. Gostaria muito de desenvolver um Projeto de Educação para a Sexualidade com a minha turma, será que vocês podem me ajudar?



Durante a conversa, a profe Fafá e o profe Rogério deram várias ideias de atividades que a profe do Carlos poderia fazer com a turma. Sugeriram que ela começasse o projeto falando sobre o balé, para conhecerem um pouco sobre essa dança, pesquisarem quantos meninos são bailarinos e que poderiam ir até a escola de balé fazer uma aula com a profe Débora.

Esse é só o início do projeto, com certeza muitas outras atividades vão surgir, essa será uma outra história que irei contar, agora vou comemorar o sucesso da nossa apresentação de balé e do Show de Talentos. Outro dia conto mais das minhas muitas histórias!!!



GLOSSÁRIO

G Artesanato – É uma produção artística, feita a mão, que não passa por processo industrial nem produção em grande quantidade. Aquele ou aquela que faz artesanato é o artesão ou artesã.

G Machismo – é a supervalorização de características físicas e culturais associadas ao sexo masculino e a crença na superioridade dos homens sobre as mulheres.

G Orelha de caderno – É uma expressão utilizada para indicar quando as bordas da folha do caderno e/ou livro encontram-se dobradas. Além disso, também chamamos de orelha, as abas da capa ou sobrecapa do livro, que ficam dobradas para dentro e apresentam informações sobre o livro ou o/a autor/a.

G Preconceito – é uma atitude hostil contra uma pessoa ou algo, opinião ou ideia preconcebida, sem conhecimento ou reflexão. Significa intolerância, sentimento de repúdio que pode ser demonstrado ou efetivado por formas discriminatórias contra determinados grupos, pessoas ou ideias. Entende-se por formas discriminatórias o ato de diferenciar, de separar e de distinguir, promovendo tratamento desigual às pessoas em função de características étnicas, raciais, religiosas, sexuais, geracionais e entre outras, além das características de gênero e de classe.

G Show de Talentos – é uma atividade em que os/as participantes, de forma individual ou em grupo, apresentam suas habilidades como cantar, dançar, realizar acrobacias, declamar, entre outros talentos para uma plateia.

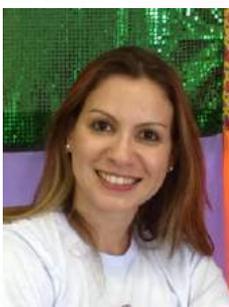
G Skype – é um programa de computador ou aplicativo de smartphone que permite a comunicação por vídeo e voz entre pessoas que se encontram distantes através da utilização da internet.

Autoras



Cristina Varela - Doutoranda em Educação em Ciências na FURG e Mestra em Educação pela UDESC. Participante do Grupo de Pesquisa Sexualidade e Escola - GESE.

E- mail: crizokah@gmail.com



Joanalira Corpes Magalhães - Doutora em Educação em Ciências pela FURG. Professora Adjunta do Instituto de Educação da FURG. Professora do PPG em Educação em Ciências e do PPG em Educação da FURG. Coordenadora do Núcleo de Formação Integrada da SEaD/FURG. Vice-líder do Grupo de Pesquisa Sexualidade e Escola - GESE.

E-mail: joanaliracm@yahoo.com.br



Juliana Lapa Rizza - Doutora em Educação Ambiental pela FURG. Participante do Grupo de Pesquisa Sexualidade e Escola - GESE.

E- mail: ju_rizza@yahoo.com.br



Luciana Kornatzki – Doutoranda em Educação em Ciências na FURG e Mestra em Educação pela UDESC. Participante do Grupo de Pesquisa Sexualidade e Escola - GESE.

E- mail: lukornatzki@gmail.com



Paula Regina Costa Ribeiro - Doutora em Ciências Biológicas pela UFRGS. Professora Titular do Instituto de Educação da FURG. Professora do PPG em Educação em Ciências e do PPG em Educação Ambiental da FURG. Bolsista produtividade 1C do CNPq. Líder do Grupo de Pesquisa Sexualidade e Escola – GESE.

E-mail: pribeiro@furg.br



PROEXC
PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO E CULTURA

